



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal

Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Volume 12, article nº 21, January/March 2026

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v12a21>

Accepted: 20/09/2025 Published: 30/11/2025

COLLECTIVE AUTHORSHIP: THE AUTHOR'S SURVIVAL IN ORALITY AND THE CONTRIBUTION TO WRITING

AUTORIA COLETIVA: A SOBREVIVÊNCIA DO AUTOR NA ORALIDADE E A CONTRIBUIÇÃO PARA A ESCRITA

Hugo Soares Leite (UENF) ¹ , Sérgio Arruda de Moura (UENF) ² ,

Abstract - In *The Death of the Author*, from 1967, Roland Barthes perceived the erasure of the author in writing. Walter Benjamin saw no more life for the art of narration after the novel genre. And Michel Foucault questioned *Who is the Author*, in 1969. Following the directions pointed out by these authors, we look at a singular figure: the griot. A griot, in the African tradition, is a polymath who, to a certain extent, is recognizable in quilombola leaders in Brazil. We are interested in Dona Nilce Helena. Based on fragments of an interview she gave to television, we will analyze the survival of authorship in the discourse of one of the quilombola leaders of the Conceição de Aleluia community in Campos dos Goytacazes/RJ and what kind of author she might be. Dona Nilce communicates orally, a tradition she preserves and which comes from Africa, a continent not taken into account by the scholars mentioned above. Barthes, Benjamin, and Foucault serve to draw a parallel between themselves and this reflection on authorship and African oral tradition. The starting point was the question: how can this form of ancestral communication help maintain authorship in writing? In the concept of ancestry, the discourse of the ancestors remains in the living; the author is collective. Discourse analysis found this collectivity in the audiovisual record of the griot, generating indications for searching for these signs also in written works. According to Krenak (2019), a philosopher attentive to the preparation of the subject in community's alternative to the status quo, these communities generate collective persons. Through ancestry, the author can survive the writing process (elements seen in the "writing-experiences" of Conceição Evaristo, for example), contrasting with the method most used in contemporary times: information. This situation allows the receiver (reader or listener) to go beyond the reception of information and reach the level of knowledge about the topic addressed by the author.

Keywords: authorship; collective subject; discourse; orality; ancestry.

Resumo - Em *A morte do autor*, de 1967, Roland Barthes percebeu o apagamento do autor na escrita. Walter Benjamin não viu mais vida para a arte de narrar após o gênero romance. E Michel Foucault questionou *Quem é o Autor*, em 1969. A partir das direções apontadas por estes autores, olhamos para uma figura singular: o griô. Um griô, na tradição africana, é um sujeito polímata que, em certa medida, é reconhecível em líderes quilombolas no Brasil. Nos interessa Dona Nilce Helena. A partir de fragmentos de uma entrevista concedida por ela à TV, será analisada a sobrevivência da autoria no discurso de uma das líderes quilombolas da comunidade de Conceição de Aleluia, em Campos dos Goytacazes/RJ e que tipo de autora ela seria. Dona Nilce comunica-se via oralidade, tradição que preserva e advém de África, continente não levado em conta pelos estudiosos citados acima. Barthes,

¹Jornalista da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

²Professor Associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

Benjamin e Foucault servem para traçar um paralelo entre eles e essa reflexão sobre autoria e tradição oral africana. Partiu-se da pergunta: de que maneira essa forma de comunicação ancestral pode ajudar na manutenção da autoria na escrita? No conceito de ancestralidade, o discurso dos antepassados permanece nos vivos, o autor é coletivo. A análise do discurso encontrou essa coletividade no registro audiovisual da griô, gerando indicações para buscas destes sinais também em obras escritas. Segundo Krenak (2019), filósofo atento à preparação do sujeito em comunidades alternativas ao *status quo*, elas são geradoras de pessoas coletivas. Através da ancestralidade, o autor pode sobreviver ao processo da escrita (elementos vistos nas “escrevivências” de Conceição Evaristo, por exemplo), contrapondo ao método mais utilizado na contemporaneidade: a informação. Esta situação permite ao receptor (leitor ou ouvinte) ir para além da recepção de informações e alcançar o nível do conhecimento sobre o tema abordado pelo autor.

Palavras-chave: autoria; sujeito coletivo; discurso; oralidade; ancestralidade.

Introdução – Dona Nilce: A Narradora

Em 2020, a pandemia de Covid-19 era real. Em 2021, o fim dela parecia estar próximo: a vacina chegou. Mas a imunização contra a doença desenvolvida pela ciência demorou a chegar aos quatro cantos do mundo. Dona Nilce já conhecia bem essa história. Aos 74 anos de idade, fundadora da localidade de Quilombo de Aleluia, em Campos dos Goytacazes, no interior do Rio de Janeiro, acostumou-se com o atraso, principalmente quando envolvia o Estado. Ela está vacinada.

O espaço conquistado por Dona Nilce foi reconhecido pouco depois da redemocratização do país, no início da década de 90 e, somente em 2005, as comunidades de Aleluia, Batatal, Conceição do Imbé e Cambucá, no nono distrito de Campos dos Goytacazes/RJ, se reconheceram junto à Fundação Zumbi dos Palmares como quilombolas. O primeiro passo legal foi dado em 1990, quando esta área foi desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na reforma agrária. Os quilombolas integram um grupo de 28 povos e comunidades tradicionais brasileiras reconhecidas pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) e pode-se perceber a existência de um imã que manteve unidos estes sujeitos, apesar das forças contrárias vindas do sistema vigente personificadas pelo descaso do Estado.

Para conquistar a vacinação teve de usar de sabedoria, aquela personificada pelos passos lentos no nosso primeiro encontro, quando eu, como repórter de TV, a entrevistei, e percebi logo que senti sua presença. A voz pequena e gestos idem, em combinação com a pele negra, resistente ao tempo, junto aos cabelos brancos materializam a figura sábia. Sentou-se e ouvimos - a entrevista foi acompanhada com atenção por parte da comunidade - como se ela fosse uma fogueira aquecendo a todos numa noite fria. "A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção"(Benjamin, 1994, p. 201). Dona Nilce é conhecida no quilombo como griô, pessoa respeitada na comunidade, sábia e, que tem uma característica cara aos escritos do ensaísta e crítico literário Walter Benjamin, ser uma contadora de histórias.

No ensaio O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, Benjamin (1994) reflete sobre a possível extinção de quem transmite à frente as memórias de um povo após a chegada do gênero literário romance. O ensaísta recorre, em determinado ponto da obra, à figura mitológica de Mnemosyne, a deusa da reminiscência. A intenção é criar uma imaginária linha do tempo para início da tradição de transmitir acontecimentos de geração em geração. A cosmovisão grega, que foi usada para explicar um pensamento europeu de passar à frente o que se conserva na memória, se relaciona diretamente ao que, nos dias atuais, se conhece como griô, no sentido que abarca a tradição africana vivenciada nas comunidades afro-brasileiras. Dona Nilce “incorpora” a deusa Mnemosyne, poderiam dizer de forma rasa os não iniciados em religiões de matrizes africanas.

Em 1936, Benjamin debruçou-se sobre o problema da perda de capacidade de intercambiar

experiências que atingiu a sociedade europeia. Na escrita, no romance, as narrativas tinham pouco ou nada a ver com as experiências vividas, mesmo quando o tema abordado referia-se, em conteúdo, aos acontecimentos vividos por aquela geração, como os reflexos da Primeira Guerra Mundial, por exemplo. A arte de narrar foi esquecida. Mas o que acontecia e acontece nos mundos distantes, que foram inclusive inspirações para as histórias dos narradores que “vem de longe”, em tempos em que a narrativa ainda era comum aos europeus, não é levado em conta. O filósofo alemão não bebe dessa fonte porque a crítica é direcionada aos seus. A tradição que origina a forma de narrar a que pertence Dona Nilce vem de outros cantos, ela atende outras necessidades.

A palavra que denomina o ofício do modo de ser dela na comunidade tem origem europeu. Griot foi o vocábulo francês escolhido para nomear aqueles sujeitos que circulam na sociedade como o sangue circula pelo corpo. Chamados de Jéli ou Djéli durante o Império Mandingue, no Mali, foram historiadores, genealogistas, contadores de histórias, poetas, músicos e caçadores. No paralelo não totalmente preciso, já que uma linha é reta e a outra, sinuosa - formato usado para coexistir com o *status quo* - a griô conversa com um antigo narrador europeu que nunca saiu do seu lugar, que conhece as suas histórias e tradições, que fora atualmente esquecido em sua terra natal.

Um quilombo foi um recurso humano. Na desumanidade que foi a escravidão no Brasil, povos de diferentes regiões de África se uniram para fugir de um projeto econômico e cultural que demonizava seus modos de vida. Mesmo que a exploração de trabalho sem remuneração tenha se tornado ilegal, esse conceito se adaptou para sobreviver ao longo do tempo. Na ilegalidade do trabalho análogo ao escravo, na informalidade ou na contratação de serviços via aplicativos sob demanda, ele permaneceu. Em resposta, o discurso que criou e manteve unidos os quilombolas também não ficou no passado. No confronto à trajetória percorrida pelo processo exploratório escravocrata, ele foi transmitido às novas gerações, que adaptaram conteúdo e forma para continuar relevantes em cada contexto histórico.

O mundo atual é feito de influenciadores. Via redes sociais, a arte de propagar informações de diferentes continentes e aldeias está mais acessível. Com isso, a comparação é sedutora. Numa publicação do perfil do Instagram *Parada Inglesa*, um “gringo”, como o próprio influencer inglês Fred se intitula, confessa que tudo que é dito ali é feito a partir da escrita, é roteirizado. Esta confissão nasceu devido à percepção dele de que o brasileiro “médio” consegue se expressar com frases complexas, falando sobre qualquer assunto com coerência narrativa, sem roteiro. Como Benjamin observou, ainda nos anos 1930, hoje em dia a Inglaterra aparenta continuar sendo um solo infértil de narradores. Já o Brasil, permanece detentor dessa habilidade, oriunda da parte da formação dos povos não brancos, que mantiveram seus discursos relevantes apesar do projeto educacional e cultural que exclui a geração de sujeitos que primam pelo coletivo e pela oralidade.

A pedagogia griô foi desenvolvida no campo da oralidade. O timbre, o ritmo, o tom estão à serviço da imersão em um universo que não colapsa diante da morte do indivíduo. Frente ao “mais profundo choque da experiência individual” (Benjamin, 1994, p. 215), a tradição oral expande e ilumina este cosmos, simulando o que acontece com certas estrelas que crescem em tamanho e brilho quando tornam-se supernovas. Ainda de posse de termos da astronomia, um mestre griô é uma constelação. Ele atrai a atenção a partir da união de diferentes luzes (sujeitos) vindas de tempos e espaços distintos que unidas narram uma história de autoria única e coletiva.

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, o ambientalista e filósofo Aílton Krenak, reconhece, em meio a guerra ininterrupta dos povos originários do Brasil pela sobrevivência, as manobras diferentes dos antepassados contendo criatividade e poesia (discurso), durante os séculos de luta, como uma das fontes da resiliência destas comunidades. “Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas ‘pessoas coletivas’, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo”(Krenak, 2019, p. 28).

Essas pessoas coletivas vestiram novos trajes, posições sociais, novas skins, novas ferramentas

de comunicação. Dona Nilce não se furtou a usar uma nova manobra, o caminho do telejornalismo, para reivindicar a vacina para seu povo.

1 A tradição oral e a coletividade

Num quilombo, por exemplo, existe a individualidade, mas não o indivíduo. As pessoas são preparadas para manter o equilíbrio daquela comunidade, não para ascensão social. O mesmo estende-se a outras realidades alternativas ao status quo. Para isso, as lideranças, cargo maior na atividade de servir, são narradores que mantêm viva as memórias que constroem os laços comunitários. São o passado vivo. "Lembranças estão na cola das percepções atuais 'como a sombra junto ao corpo'. A memória seria 'o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas'"Bosi (1994, p. 37), refletindo sobre o que disse Bergson. Em sociedades alternativas como a de pescadores artesanais e quilombolas, os memorialistas dão subsídios para a relação com o presente, como a mão queimada ensina ao queimado a não tocar mais diretamente no fogo.

A narrativa de um griô é imersiva. Nela, por exemplo, há metáforas, junto com toda a riqueza figurativa que vem junto como recursos espontâneos da oralidade. A figura de linguagem diz mais sobre o real no interior humano do que um teorema matemático ou definições do dicionário. A penetração da mensagem alcança outro nível. Na oralidade isso está presente.

Ao longo dos séculos, os modos de vida das comunidades tradicionais têm sido invisibilizados frente ao projeto econômico e cultural vigente no Brasil. O discurso escravocrata, por exemplo, se adaptou. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) confirmam essa sensação. De 1995 até 2023 foram resgatadas 63,4 mil pessoas em condições análogas à escravidão (Agência Brasil, 2024). O MTE admite que atua com o menor número de auditores fiscais desde que a profissão foi criada, há 30 anos. O efetivo é de apenas 2.000 trabalhadores para atuar em todo o país. A esse cenário se somam a alta informalidade e a venda de serviços sob demanda via aplicativos.

2 Pessoa coletiva e autoria

Cabe aqui o contexto. A ida ao Quilombo de Aleluia foi motivada pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de inserir, nos grupos prioritários para vacinação contra a Covid-19, os quilombolas. Outros municípios da região já estavam seguindo essa determinação e Campos dos Goytacazes/RJ ainda não tinha definido uma data para o início da imunização, conforme determinado pelo STF. É importante também destacar dois fatores: fui enviado como videorepórter, modalidade de telejornalismo solo, e sou preto, elemento facilitador do meu contato. Dito isto, sigamos abaixo com a transcrição da primeira "sonora" ou fragmento da reportagem, com foco nas palavras de Dona Nilce.

Quadro 1: Fragmentos da reportagem

"Foi muito difícil porque a gente não tem condução. Tem um colega aqui, vizinho, o nome dele é Joel, tem um carrinho, e ele descobriu a vacina e me chamou para ir".

"Inclusive foi de manhã, acordei 'doidando', porque eu não tinha certeza que ia e ele me levou. Mas a vacina é muito 'precisa' de vir pra cá".

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Primeiro, é preciso destacar a autoria presente na declaração acima. Em *O que é um autor*, o filósofo Michel Foucault explica que a autoria, enquanto função-autor, determina de forma clara que um

discurso foi dito por determinada pessoa e nisto está a relevância de quem está falando, no sentido do reconhecimento social daquele sujeito. A forma como dona Nilce foi recebida, com outro entrevistado cedendo o espaço para ela falar, marca o lugar dela naquela comunidade.

“[...] não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status” (Foucault, 2001, p. 274).

Dona Nilce aqui não é autora do discurso no sentido fundante eurocêntrico. Não parte dela uma nova escola de pensamento, como fizeram Freud e/ou Marx, influenciando linhas do pensamento europeu que se estenderam para outras partes do mundo, conforme defende Foucault (2001). Tão pouco ela apenas acessa uma tradição, ela é mais, é a personificação. O sentido básico da filosofia Ubuntu é “Eu sou porque tu és”, ou seja, eu só posso ser pessoa através das outras pessoas. Essas vozes são ativas a partir do conceito de ancestralidade. Por meio dela, é possível ligar passado e presente como fio condutor para o futuro.

Na prática, quando Dona Nilce diz “a vacina é muito ‘precisa’ de vir pra cá”, ela diz “em nome” e cobra a partir das texturas de sua pele, da cor e da história. Por meio da imagem presente na TV, potencializa o chamado à mudança da realidade, aquele mesmo que os antepassados dela buscavam ao fugir para o espaço que ocupa desde então. É uma autora coletiva.

Ser um autor coletivo, dentro universo da oralidade, difere da autoria onde não é sabida a origem. “A escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve” (Barthes, 2004, p. 1).

Na escrita também é possível sobreviver. Mas para isso se faz necessário escrever a partir do que se viveu. “Escrevivências”, termo que ganhou notoriedade pela voz da escritora Conceição Evaristo, é basicamente fazer o registro do que se viu. Viver e depois, escrever. Mesmo que a vivência parta do passado, da herança ancestral.

O corpo fala. Ele é o cenário em que os discursos ancestrais existem e resistem. Quem fala é determinante. Os autores não estão mortos como Barthes (2004) proclamou, já que o narrador ou narradora, no caso de Dona Nilce, viveu e sentiu os fatos. E mesmo quando o contador daquela história está deslocado no tempo, a compreensão das dores e alegrias é possível por meio da ancestralidade e o tipo de formação de uma pessoa preparada num quilombo. Nestas comunidades, o sujeito é pensado no coletivo, a educação foca na importância daquele núcleo social, a importância dele para o funcionamento do todo. Na década de 1980, o indígena Max Pereno cunhou a frase “eu posso ser o que você é sem deixar de ser quem eu sou.” Essa é outra característica de uma pessoa coletiva. Acessar diversas culturas sem perder a noção de pertencimento. A reportagem de Dona Nilce foi exibida no telejornal local e está disponível no serviço de *streaming Globoplay*. Ela se inseriu no contexto de entrevista e transmissão de mensagens via tecnologia sem perder o contato com os seus. Outros atores e autores da mesma reportagem, formaram-se assistentes sociais e técnicos agrícolas, mas continuam com a noção de pertencimento ao local. Cabe aqui trazer à tona o outro fragmento da participação da griô, agora sobre o passado latente.

Quadro 2: Fragmento da reportagem

“Ó pagamento ficava tudo ali (único comércio no local), do mês, da quinzena [...] Tinha que comprar tabelado aquilo que ele (patrão) queria. Se a gente pedisse dois quilos, ele colocava um quilo, coisa de grama, ele botava grama. A gente mesmo só pedia por pedir, porque era o que ele queria. Em muita gente ali, ele dava um desabafo, deixava a gente chorando, saía chorando da venda. Ele era agressivo. Ele esculachava a pessoa”.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

As palavras de Dona Nilce foram oportunas. Em mais um contexto de subtração de direitos, ela cria um lugar para o desenrolar do seu discurso. O “de onde fala” é importante. Este espaço criado é paratópico. Como um escritor cria um não-lugar, um território, para dar verossimilhança à narrativa, como identificou o linguista francês Maingueneau (2020), ela se utiliza de um cenário histórico de escravidão, ou trabalho análogo ao escravo, para que o pedido de vacinação para comunidade seja compreendido pelos telespectadores e os ouvintes do próprio quilombo que acompanharam a entrevista. Mais uma prova da capacidade narrativa do griô, que domina a arte da imersão. Por meio da pedagogia única, constrói universos atemporais para iluminar, de forma positiva ou negativa, uma questão ainda que deve gerar reflexão.

3 Autores pouco ouvidos pela academia

Para mensurar como o Discurso, vindo dessas comunidades tradicionais brasileiras das quais Dona Nilce é uma das representantes, chega à Academia, foi utilizada a Bibliometria, um recurso apoiado na tecnologia que tem acelerado os processos de pesquisa científica no Brasil e no mundo. Essa metodologia possibilita ao pesquisador, por meio de protocolos adequados, alcançar resultados precisos e rápidos de análise de informações quantitativas e qualitativas de referências bibliográficas.

A Bibliometria usa softwares avançados que acessam bancos de dados relevantes para pesquisadores de todo mundo, como a CAPES, o *Scopus*, o *Google Acadêmico* e o *SCieLO*. A técnica inclui o conhecimento de conectores lógicos e operadores que têm como base a Álgebra Booleana, criada pelo matemático britânico George Boole. Ela é baseada em três princípios fundamentais: a existência de apenas dois valores possíveis (verdadeiro e falso). Os operadores booleanos são três: *AND*, *OR* e *NOT*. Estes são alguns dos recursos básicos para refinar as pesquisas que são diferenciais nas produções acadêmicas atuais.

Este projeto visa usar as bases de dados *Scopus* para encontrar e traçar paralelos com pesquisas que analisem a importância dos discursos existentes nas comunidades tradicionais brasileiras no sentido da contribuição para a sobrevivência desses grupos. O objetivo também se estende a observar o quanto este tema possui relevância em outros países.

O primeiro passo foi determinar as palavras-chave que foram utilizadas na pesquisa. Como o *Scopus* é uma base de dados internacional, escolheu-se usar as expressões “discurso” e “comunidades tradicionais brasileiras”, em inglês, ampliando as possibilidades de busca. Assim foram definidos: *discourse e tradicional Brazilian communities* como os vocábulos norteadores. Para refinar a pesquisa, foram utilizados conectores lógicos, optando pelo operador booleano *AND*.

Com a pesquisa seguindo a estrutura citada acima, foi encontrado apenas um documento. O artigo, dos pesquisadores brasileiros Neto, M. Fialho, F. A. P., *Traditional knowledge and processes of innovation and creativity: Brazilian pottery and bobbin lace makers*, publicado na revista eletrônica *Sociedade e Cultura*, em 2015, trata do tema focando em duas comunidades tradicionais brasileiras. O resultado do estudo apontou que as ceramistas de Goiabeiras de Vitória, no Espírito Santo e as

rendeiras de Florianópolis, em Santa Catarina, para permanecerem em suas comunidades, utilizam o conhecimento de seus antepassados para criar estratégias de subsistência sustentáveis e geração de renda.

O resultado mostrando apenas um documento quando se trata de pesquisas sobre discurso e comunidades brasileiras, a partir das palavras e/ou expressões definidas, revela um desinteresse pelo tema, ao menos nas publicações que constam na base de dados *Scopus*, situação preocupante diante da relevância do espaço para pesquisa científica, principalmente para pesquisadores da América Latina. Por tratar-se de um assunto que contempla a tradição e tecnologias ancestrais, não foi delimitado um período de busca. Mesmo com o olhar mais apurado da sociedade para a importância da ancestralidade, o discurso alternativo aplicado por povos tradicionais parece não ter tido aderência no ambiente acadêmico, já que nenhuma pesquisa foi adiante após a publicação do artigo em 2014. Reforça essa questão o dado apresentado de que nenhuma citação do artigo conste em outros trabalhos encontrados a partir das palavras-chave citadas.

CONCLUSÃO

Com a decisão de conceder a entrevista, Dona Nilce alcançou alguns objetivos. Enquanto autora coletiva, virtualizou o discurso no sentido abarcado pelo filósofo Lévy (1996), em que virtualizar é problematizar uma questão e atualizar é dar uma resposta criativa ao que é o virtual. Ao fazer isso, deixou a atualização da discussão para os telespectadores, internautas, ouvintes. Enquanto aos seus, àqueles sujeitos coletivos preparados pelo Quilombo de Aleluia, deu mais uma lição de pertencimento ao lugar. Portanto, ela continuou costurando a rede que mantém unido aquele grupo, dando subsídios para construção de um pensamento de resistência cultural, mesmo que a renda, este tecido social, deixe espaços para comunicação com outras cosmovisões.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil resgatou 3,1 mil trabalhadores escravizados em 2023**. Acesso em: 20 out. 2024. O Dia. 4 jan. 2024. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2024/01/6768637-brasil-resgatou-31-mil-trabalhadores-escravizados-em-2023.html>.

BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, M. O que é um autor? **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, v. 63, n. 3, p. 73–104, 1969. jul./set.

FOUCAULT, M. O que é um autor? *In*: ESTÉTICA: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3. (Coleção Ditos & Escritos). p. 264–298.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAINGUENEAU, D. Paratopia e cena de enunciação. *In*: NASCIMENTO, J. V.; CANO, M. R. d. O.; ELIAKIM, J. (ed.). **Paratopia: série discurso e cultura**. São Paulo: Blucher, 2020. v. 3. p. 29–42.